

Doar sangue pode evitar enfarte

■ Médicos americanos defendem que a prática ajuda a combater problemas cardíacos, mas ações preventivas ainda são fundamentais

TERENCE MONMANEY
Los Angeles Times

LOS ANGELES – O médico David Meyers não está sendo inteiramente altruísta quando doa sangue algumas vezes por ano. Ele tem a esperança de estar ajudando a si mesmo também. Especialista em medicina interna na Universidade do Kansas, o médico está entre um pequeno e crescente grupo de pesquisadores que acredita que doar sangue pode prevenir ou adiar as doenças de coração em homens e mulheres na menopausa.

A idéia gerou controvérsia desde que foi proposta por um médico da Flórida, há 16 anos. A tese é livrar o corpo do excesso de ferro, um nutriente essencial que poucas pessoas consideram potencialmente prejudicial, não importando que este seja muito abundante. Dentro da comunidade médica, a reação à “hipótese do ferro”, como os pesquisadores a chamam, tendeu a ser negativa desde o começo.

Mas dois novos estudos, feitos pela equipe de Meyers e por pesquisadores da Universidade de Kuopio, na Finlândia, sugerem que a prática antiga de flebotomia (incisão na veia) pode ajudar algumas pessoas a reduzir o risco de contrair as principais causas de mortes.

Esperanças – Os estudos, que envolveram mais de 6.500 pessoas, revelaram que ataques do coração e outros problemas circulatórios eram menos comuns entre homens que tinham doado sangue. Doar sangue pode, então, evitar doenças cardíacas? Alguns pesquisadores dizem que não, lembrando que esta idéia pode criar falsas esperanças, distraindo as pessoas das medidas de prevenção estabelecidas. Além disso, temem que a idéia ameace a segurança do suprimento de sangue, encorajando pessoas que não são adequadas a doar, como aquelas com doenças infecto-contagiosas.

“Essa história não tem nada além de algumas conjecturas um pouco exageradas”, afirmou William Weintraub, cardiologista e pesquisador na Universidade de Emory, em Atlanta, que avaliou as evidências no *Journal of Clinical Epidemiology*, no ano passado.

Estudo – Em um estudo com aproximadamente 4 mil pessoas feito por Meyers e sua equipe, publicado em agosto na revista americana *Heart*, os pesquisadores descobriram que ataques do coração ou outros problemas cardíacos foram, surpreendentemente, 30% menos comuns entre homens que tinham doado sangue pelo menos uma vez nos três anos anteriores.

Os homens que fumavam não pareciam se beneficiar por doar sangue, o mesmo aconteceu com as mulheres fumantes. Uma explicação possível é o fato do armazenamento de ferro dessas pessoas já serem menores.

No estudo da Finlândia, envolveu 2.682 homens e foi publicado na *British Medical Journal*. Depois de ajustar os resultados para outros fatores, tais como pressão sanguínea e histórico de doenças de coração na família, os pesquisadores concluíram que os riscos de enfarte no miocárdio entre doadores de sangue eram 86% menores.

O médico finlandês Jukka Salonen, autor do estudo, afirmou que ele e sua equipe confirmaram as descobertas durante três anos de estudo. “Esta é uma evidência bastante forte a favor de uma associação real entre doar sangue e ter um baixo risco de ataque do coração”, disse ele. “Nós acreditamos na atual evidência, ela é forte o suficiente para justificar um exame médico para medir os depósitos de ferro pelo menos em pessoas de alto risco”, afirmou.

Segundo a Sociedade Americana do Coração, “pesquisas adicionais são necessárias para provar o papel do ferro nas doenças do coração, an-



Sandra de Souza

No Brasil, o Hemocentro Herbert de Souza recebe doadores diariamente, que talvez não saibam que estão beneficiando a própria saúde

tes que possam ser recomendados testes”. Pesquisadores criticam os estudos da Finlândia e do Kansas, alegando que são incompletos.

Doadores – Ernest Beutler, especialista sanguíneo e geneticista do Instituto de Pesquisa Scripps, em San Diego, lembrou que as pessoas que doam sangue são geralmente mais saudáveis do que as que não doam. “Então, não é surpresa que os doadores tendam a ter menos ataques do coração”, afirmou. Da mesma forma, pessoas que já têm doenças de coração são geralmente desencorajadas a doar sangue, para preservar a saúde.

Um homem adulto tem por volta

de quatro gramas de ferro no seu corpo. E uma mulher tem cerca de duas gramas e meia. Geralmente, para americanos de 29 à 44 anos, ataques do coração são 40 vezes mais comuns em homens do que em mulheres, de acordo com a Associação Americana do Coração. Entretanto, por volta dos 70 anos de idade, homens e mulheres correm o mesmo risco.

A partir disso, o médico Jerome Sullivan sugeriu à revista *The Lancet*, em 1981, que o ferro pode ter um papel chave nas doenças de coração e que a doação de sangue poderia ser uma “terapia preventiva” para “homens e mulheres na menopausa”.

Coincidência – Desde então, Sullivan, pesquisador da Universidade da Flórida, tem sido marginalizado por médicos conservadores. Cientistas atacaram a idéia dizendo ser absurda, e afirmaram que a suposta ligação entre os níveis de ferro e os riscos de doenças do coração é mera coincidência. “Tem sido muito frustrante”, disse Sullivan, que está se preparando para abrir uma escola privada de medicina em Orlando, na Flórida, depois de ter dirigido o laboratório patológico clínico no Hospital de Casos Veteranos em Charleston, na Carolina do Sul por 13 anos. “Alguns cientistas proeminentes pare-

cem estar negando o sentido da evidência”, afirmou.

Experimentos de laboratório nos tecidos humanos – em tubos de ensaio – e em roedores mostraram que grandes quantidades de ferro podem prejudicar de forma aguda as células vivas. O foco do atual debate é se as reservas de ferro tipicamente encontradas num homem saudável, ou em mulheres na menopausa, promovem doenças de coração.

Sullivan, Meyers e outros defensores da hipótese do ferro especulam que a idéia é não ter reservas de ferro, mas manter apenas a quantidade suficiente para desempenhar sua função de forma eficiente.